

Sobre o Vegetarianismo

Élisée Reclus

1901

Élisée Reclus

Sobre o vegetarianismo

Homens de tão grande valor, higienistas e biólogos, estudaram a fundo as questões relacionadas à alimentação normal, que terei o cuidado de não demonstrar incompetência ao dar minha opinião sobre alimentos de origem animal e vegetal. Cada um tem a sua opinião. Como não sou ou químico nem médico, não falarei sobre nitrogênio ou albumina, nem reproduzirei as dosagens fornecidas pelos analistas, e simplesmente relatarei minhas impressões pessoais, que certamente coincidirão com as de muitos vegetarianos. Farei um passeio por minha própria vida e, ocasionalmente, pararei para fazer uma observação motivada pelas pequenas aventuras da vida.

Antes de mais nada, devo dizer que a busca pela verdade pura não teve nada a ver com as primeiras impressões que fizeram de mim um vegetariano virtual, ainda criança, usando um vestido de criança. Lembro-me perfeitamente do horror do derramamento de sangue. Um dos meus parentes colocou um prato na minha mão e me mandou para o açougue da aldeia, pedindo que eu trouxesse de volta alguns restos de sangue. Inocente e covarde, saí alegremente para fazer a tarefa e entrei no pátio onde estavam os carrascos do animal abatido. Ainda me lembro daquele pátio sinistro, onde homens assustadores passavam, segurando grandes facas nas mãos, que eles limpavam em sarreaux salpicados de sangue. Sob um alpendre, um enorme cadáver parecia ocupar um espaço prodigioso; carne branca, um líquido rosa escorria pelas sarjetas. E eu, trêmulo e mudo, fiquei naquele pátio ensanguentado, incapaz de avançar, apavorado demais para fugir. Não sei o que aconteceu comigo; minha memória não guarda nenhum vestígio disso. Parece que ouvi dizer que desmaiei e que o compassivo açougueiro me levou de volta para a casa da família: eu não pesava mais do que um dos cordeiros que ele abatia todas as manhãs.

Outras imagens escurecem meus anos de infância e, como a do açougue, marcam outras tantas datas em minha história. Um deles sangra lentamente o animal para que o sangue escorra gota a gota, porque é essencial, ao que parece, para a preparação adequada das linguiças de sangue, que a vítima tenha sofrido muito. Ela grita continuamente, intercalando queixas infantis e gritos desesperados, quase humanos: parece uma criança, e o porco doméstico não era a criança da casa por um ano, alimentado à força para engordar e respondendo com afeição genuína a todo o cuidado que só tinha a intenção de lhe dar uma grossa camada de banha? E quando o coração responde ao coração, quando a dona de casa, encarregada de cuidar do porco, se afeiçoa a seu pupilo e o acaricia, o elogia e conversa com ele, não parece ridículo, como se fosse absurdo, quase desonroso, amar um animal que nos ama? Uma das minhas impressões mais fortes da infância é a de ter testemunhado um desses dramas rurais: o massacre de um porco, realizado por toda uma população em insurreição contra uma boa velhinha, minha tia-avó, que não consentiu com o assassinato de seu amigo gordo. A multidão do vilarejo havia forçado a entrada no chiqueiro; eles estavam levando o animal à força para o matadouro rústico, onde a máquina de abate estava esperando, enquanto a infeliz senhora, caída em uma escada, chorava em silêncio. Fiquei ao lado dela e observei o choro, sem saber se me solidarizava com sua dor ou se me juntava à multidão, acreditando que o abate do porco era justo, legítimo, ditado pelo bom senso e pelo destino.

Cada um de nós, especialmente aqueles que viveram em um ambiente de classe trabalhadora, longe das cidades banais e uniformes onde tudo é metodicamente classificado e escondido, já testemunhou um desses atos bárbaros cometidos pelo carnívoro contra os animais que ele come. Não é preciso ir a uma Porcopolis na América do Norte ou a um saladero em La Plata para contemplar o horror dos massacres que são a condição primária de nossa alimentação habitual. Mas essas impressões se desvanecem com o tempo: dão lugar a essa fatal educação cotidiana que consiste em reduzir o indivíduo à média, despojando-o de tudo o que o torna um ser original, uma pessoa. Pais, educadores, tanto oficiais quanto voluntários, médicos, sem mencionar a equipe toda-poderosa conhecida como “Todo mundo”, todos trabalham juntos para endurecer o caráter da criança em relação a essa “carne no chão”, que, no entanto, ama como nós, sente como nós e também pode progredir sob nossa influência, a menos que regrida conosco.

Pois é precisamente uma das consequências mais infelizes de nossos hábitos carnívoros o fato de que as espécies de animais sacrificadas ao apetite do homem têm se tornado sistemática e metodicamente mais feias, diminuídas em inteligência e valor moral. O próprio nome do animal no qual o javali foi transformado se tornou o mais grosseiro dos insultos: a massa de carne que vimos chafurdando nas

poças fétidas é tão feia de se ver que evitamos de bom grado qualquer analogia de nome entre o animal e os pratos que preparamos com ele. Que diferença na forma e na aparência entre o muflão que salta sobre as rochas da montanha e a ovelha que, agora desprovida de qualquer iniciativa individual, é simplesmente carne estupefata entregue ao medo, não ousando mais se afastar do rebanho, atirando-se nos dentes do cão que a persegue. A mesma degradação se abateu sobre o boi, que agora vemos se movendo dolorosamente pelos prados, transformado pelos criadores em uma enorme massa ambulante com formas geométricas, como se tivesse sido projetada antecipadamente para a faca do açougueiro. E é para produzir esses monstros que aplicamos a expressão “criação”! É assim que os humanos cumprem sua missão de educadores de seus irmãos, os animais!

Afinal de contas, não é assim que tratamos toda a natureza? Solte um bando de engenheiros em um vale encantador, cercado de prados e árvores, às margens de um belo rio, e logo verá o que eles fizeram com ele! Eles terão tomado muito cuidado para tornar seu próprio trabalho o mais óbvio possível e para esconder a natureza sob seus montes de entulho e carvão, assim como terão orgulho de ver a fumaça de suas locomotivas cruzando o céu em uma rede confusa de listras amareladas ou pretas. É verdade que esses mesmos engenheiros também afirmam ocasionalmente embelezar a natureza. Quando os artistas belgas protestaram recentemente contra a devastação da paisagem ao longo do rio Mosa, o ministro foi rápido em dizer que eles ficariam felizes com ele de agora em diante: ele prometeu construir todas as novas fábricas com torres góticas! Da mesma forma, os açougueiros exibem cadáveres esquartejados e carnes ensanguentadas diante dos olhos do público, bem na beira das ruas mais movimentadas, ao lado de lojas floridas e perfumadas; eles até têm a audácia de decorar a carne pendurada com rosas, e a estética é salva!

Ficamos surpresos ao ler nos jornais que todas as atrocidades da guerra chinesa não são um sonho ruim, mas uma realidade lamentável! Como é possível que homens que tiveram a sorte de ser acariciados por suas mães e de ouvir nas escolas as palavras de justiça e bondade, como é possível que essas bestas com rostos humanos tenham prazer em amarrar homens chineses uns aos outros pelas roupas e pelas caudas e jogá-los em um rio? Como é possível que eles acabem com os feridos e façam os prisioneiros cavar suas sepulturas antes de atirar neles? E quem são esses terríveis assassinos? São pessoas que se parecem conosco, que estudam e leem como nós, que têm irmãos, amigos, esposas ou noivas; e, mais cedo ou mais tarde, vamos encontrá-los, apertar suas mãos sem encontrar um traço de derramamento de sangue! Mas não há uma relação direta de causa e efeito entre a alimentação desses carrascos que se dizem “civilizadores” e seus atos ferozes? Eles também se acostumaram a glorificar a carne sangrenta como fonte de saúde, força e inteligência. Eles também entram em açougues sem repugnância, onde se desliza no pavimento avermelhado e se respira o cheiro insípido e doce do sangue! Existe realmente tanta diferença entre o cadáver de um boi e o de um homem? Os membros cortados e as entranhas entrelaçadas dos dois são muito parecidos: a matança do primeiro torna mais fácil matar o segundo, especialmente quando a ordem do chefe soa e as palavras do mestre coroado podem ser ouvidas de longe: “Seja impiedoso”.

Há um provérbio francês que diz que “todo caso ruim é negável”. Mas na China, os russos, os franceses, os ingleses e os alemães não se escondem mais modestamente uns dos outros: testemunhas oculares e os próprios autores nos informaram em todos os idiomas, alguns com cinismo, outros com relutância. A verdade não pode mais ser negada, mas uma nova moralidade teve de ser criada para explicá-la. Essa moral é que existem dois direitos humanos, um que se aplica às pessoas amarelas e outro que é privilégio das pessoas brancas. Assassinar e torturar os primeiros agora parece permissível, enquanto seria errado fazer o mesmo com os segundos. Mas a moralidade não é igualmente elástica quando se trata de animais? Ao fazer com que os cães de caça destruam a raposa, o cavalheiro aprende a atirar com seus fuzis nos chineses em fuga. As duas caçadas são o mesmo esporte; no entanto, quando a vítima é um homem, a emoção e o prazer são provavelmente mais intensos. Basta perguntar ao homem que recentemente evocou o nome de Átila para dar esse monstro como exemplo a seus guerreiros!

Não é uma digressão mencionar os horrores da guerra em relação ao abate de animais e aos banquetes carnívoros. A maneira como as pessoas comem corresponde a seus hábitos. Sangue gera sangue. A esse respeito, todos podem consultar suas memórias sobre os homens que conheceram, e nenhuma dúvida permanecerá em suas mentes sobre o contraste que, de modo geral, os vegetarianos apresentam com

os grandes comedores de carne, os gananciosos bebedores de sangue, em termos de amabilidade de maneiras, gentileza de caráter, igualdade de vida.

É verdade que essas são qualidades tidas em baixa estima pelos “super-homens” que, embora não sejam superiores aos outros mortais, são pelo menos mais arrogantes e pretendem se elevar desprezando os humildes e exaltando os fortes. De acordo com eles, os mansos são os fracos e os doentes que atrapalham o caminho, e seria um ato piedoso dispensá-los. Se não podemos matá-los, pelo menos que morram! Mas é justamente porque os mansos podem ser mais resistentes ao mal do que os violentos: os sanguíneos e os coloridos não costumam ser os que vivem mais tempo; os verdadeiramente fortes não são aqueles que ostentam sua força na superfície, no carmesim de seus rostos, na protuberância de seus músculos ou na redondeza de sua gordura brilhante. Além disso, a estatística logo poderá nos dar informações positivas a esse respeito; ela já teria feito isso se tantas pessoas interessadas não estivessem ocupadas agrupando números verdadeiros ou falsos na batalha para defender suas respectivas teorias.

Seja como for, diremos simplesmente que, para a grande maioria dos vegetarianos, a questão não é se seus bíceps e tríceps são mais fortes do que os dos carnívoros, ou mesmo se seu organismo oferece maior resistência contra os choques da vida e as chances de morte, o que é realmente muito importante: Para eles, trata-se de reconhecer a solidariedade de afeto e bondade que liga o homem aos animais; trata-se de estender aos nossos irmãos ditos inferiores o sentimento que já pôs fim ao canibalismo na espécie humana. As razões que os antropófagos podiam invocar contra o abandono da carne humana como parte da dieta habitual tinham o mesmo valor daquelas usadas hoje pelos simples carnívoros; os argumentos que foram apresentados contra o costume monstruoso são precisamente aqueles que invocamos hoje; o cavalo e o boi, o coelho selvagem e o “coelho da sarjeta”, o veado e a lebre nos servem melhor como amigos do que como carne. Queremos mantê-los como companheiros de trabalho respeitados ou como simples parceiros na alegria de viver e amar.

Mas”, dizem-nos, “se você se abster de carne animal, outros carnívoros, humanos ou animais, os comerão em seu lugar, ou então a fome e os elementos se encarregarão de destruí-los. Sem dúvida, o equilíbrio das espécies será mantido como antes, de acordo com as chances de vida e a interação dos apetites; mas, pelo menos no conflito de raças, caberá a outros serem os destruidores. Administraremos a parte da terra que nos pertence, tornando-a o mais agradável possível, não apenas para nós, mas também para os animais ao nosso redor; levaremos a sério o papel de educador que o homem atribui a si mesmo desde os tempos pré-históricos. Nossa parcela de responsabilidade pelas transformações na ordem universal não se estende além de nós mesmos e de nosso ambiente imediato. Se fizermos pouco, pelo menos esse pouco será nosso trabalho.

É certo que, se tivéssemos a ideia quimérica de levar a prática da teoria às suas últimas e lógicas consequências, sem nos preocuparmos com considerações de outra natureza, cairíamos no puro absurdo. Nesse aspecto, o princípio do vegetarianismo não é diferente de qualquer outro princípio: ele deve se acomodar às condições comuns da vida. Obviamente, não pretendemos subordinar todas as nossas práticas e ações de todas as horas, de todos os minutos, ao respeito pela vida do infinitamente pequeno; não nos deixaremos morrer de fome e sede como um lama budista, quando o microscópio nos mostrar uma gota de água que treme com células animais. Não hesitaremos em cortar um galho na floresta, ou mesmo colher uma flor em um jardim; chegaremos ao ponto de comer alface, repolho e aspargos, embora reconheçamos plenamente a vida nas plantas e nos animais. Mas não se trata de fundar uma nova religião e aderir a ela com o dogmatismo dos sectários: é uma questão de tornar nossa existência o mais bela possível e adaptá-la o máximo possível às condições estéticas de nosso ambiente. Assim como nossos ancestrais sentiam nojo de comer a carne de seus semelhantes e um dia pararam de encher suas mesas com ela, e assim como há muitos carnívoros que se recusariam a comer a carne do nobre cavalo, companheiro do homem, ou a do cão e do gato, os hóspedes mimados do lar, também detestamos beber o sangue e esmagar sob nossos dentes o músculo do boi, o animal de arado que nos dá o pão. Ansiamos pelo momento em que não ouviremos mais o balido das ovelhas, o mugido das vacas, o grunhido e os gritos estridentes dos porcos sendo levados ao matadouro; ansiamos pelo momento em que não correremos mais, para encurtar o minuto hediondo, passando por um local de matança com riachos de sangue, fileiras de presas afiadas das quais pendem cadáveres, cajados manchados de sangue e armados com facas horrendas. Queremos finalmente viver em uma cidade onde não corremos mais o risco de ver açougues cheios de cadáveres ao lado de lojas de seda ou de joias, em frente a farmácias ou bancas de

frutas perfumadas, ou belas livrarias adornadas com gravuras, estatuetas e obras de arte. Queremos que nosso ambiente seja agradável aos olhos e esteja em sintonia com a beleza. E como os fisiologistas e - melhor ainda - nossa experiência pessoal nos dizem que esse alimento vil de carne esquartejada não é necessário para sustentar nossa existência, descartaremos todos esses alimentos horríveis que nossos ancestrais apreciavam e que a maioria de nossos contemporâneos ainda aprecia. Esperamos que, em breve, eles tenham pelo menos a cortesia de esconder seus alimentos. Os matadouros já foram relegados aos subúrbios remotos: que os açougues sigam o exemplo, amontoando-se como estábulos em cantos obscuros!

A feiura também é a razão pela qual abominamos a vivisseção e todos os experimentos perigosos, exceto quando são heroicamente praticados pelo cientista em sua própria pessoa. É também pelo fato de o trabalho ser feio que o naturalista que cutuca borboletas vivas em sua caixa, que destrói o formigueiro inteiro para contar formigas, nos inspira repulsa. Afastamo-nos com repugnância do engenheiro que desfigura a natureza prendendo uma cachoeira em seus canos de ferro fundido, e do lenhador californiano que corta uma árvore de quatro mil anos de idade e cem metros de altura para mostrar as toras em feiras ou exposições. A feiura nas pessoas, nas ações, na vida, na natureza ao redor - esse é o inimigo por excelência. Vamos nos tornar belos e deixar que nossa vida seja bela!

Então, quais são os alimentos que melhor atendem ao nosso ideal de beleza, tanto em sua natureza quanto na maneira como devem ser preparados? Esses são exatamente os alimentos que sempre foram mais apreciados pelas pessoas simples e que podem dispensar os truques enganosos da cozinha. São ovos, grãos e frutas, em outras palavras, os produtos da vida animal e vegetal, que representam tanto a cessação temporária da vitalidade nos organismos quanto a concentração dos elementos necessários para a formação de uma nova vida. Os ovos do animal, as sementes da planta, os frutos da árvore são o fim de um organismo que não é mais, o começo de um organismo que ainda não é. O homem os coleta para se alimentar sem matar. O homem os recolhe para se alimentar sem matar o ser que os deu a ele, porque eles foram formados no ponto de contato entre duas gerações. Além disso, os cientistas que estudam a química orgânica não nos dizem que o ovo, seja de um animal ou de uma planta, é o reservatório por excelência de todos os elementos vitais? *Omne vivum ex ovo.*

Data: 1901

Fonte: La Réforme Alimentaire, Vol V, N°3, mars 1901, p. 37-45

Biblioteca Anarquista



Élisée Reclus
Sobre o Vegetarianismo
1901

La Réforme Alimentaire, Vol V, N°3, mars 1901, p. 37-45

bibliotecaanarquista.org